

MENSAGEIRO


DO CORAÇÃO DE JESUS | FEVEREIRO 2019



«DEIXAMOS DE
OLHAR PARA O
DOENTE...»

ENTREVISTA COM
JOÃO DE SERPA
OLIVA
pág. 13

TRÁFICO DE PESSOAS: À BOLEIA DA SORTE



ORAÇÃO:
ENCONTRO EM
ALENTO DIVINO
pág. 26



PROGRAMA O ANO COM A AJUDA DO PACK 2019

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

fevereiro 2019 // Ano CXLIV, n.º 2

Diretor
António Valério, s.j.

Administração
Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:
Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamessageiro.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica
Francisca Cardoso Girão

Paginação
Editorial A.O.

Impressão e acabamentos
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade
Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86
ISSN 0874-4955
Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos): 29,00€
Europa: 21,00€
26,00 Fr. Suíços
Fora da Europa: 27,00€
35,00 USD
42,00 CAD
Preço por exemplar: 1,40€

Pagar por transferência bancária:
De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);
Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h



Calendário



*Agenda
Litúrgica*



*Evangelho
Diário*

Preço: 12,80€ Portes grátis!

Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O. | Rua S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt

VITORINO NEMÉSIO

Alexandre Freire Duarte

Se bem me lembro... era-me impossível iniciar este texto, dedicado a Vitorino Nemésio (1901-1978), por outras palavras que não estas. Por detrás de umas lentes de graduação pesada, colocadas numa armação ainda mais pesada, escondia-se o homem que não se esquecia de nada, exceto daquilo de que se queria esquecer. Com um conforto desconfortável, que o fazia como que dançar por detrás da câmara televisiva, entrava pela casa a dentro dos portugueses um homem das ilhas. daquelas ilhas que, no seu caso, também eram sinónimas das palavras que, patentes também nos seus macerados escritos, transpiravam emoção e cultura; firme poesia e sabedoria saltitante. Palavras, de facto, coladas às emoções, não à flor da pele, mas da flor da pele.

Os seus escritos são textos marítimos, repletos do esforço de tentar dizer, por palavras sempre imperfeitas, a perfeição de uma crença cristã vivida, banhada nas águas salgadas das lágrimas do sofrimento, tornadas, por tal crença, em pérolas do humanismo. O desconforto sentido por quem lê Nemésio, imperfeitamente compensado pela familiaridade dos seus colóquios televisivos, não é casual. Na minha opinião, ele deseja trazer a espessura do mistério dos mistérios que atravessavam a sua vida até à vida de quem o via e lia. E, efetivamente, trazia-a, através do desfilar de frases tão simples quanto inteligentes e, assim, mais difíceis de interpretar do que aparentam à primeira vista.

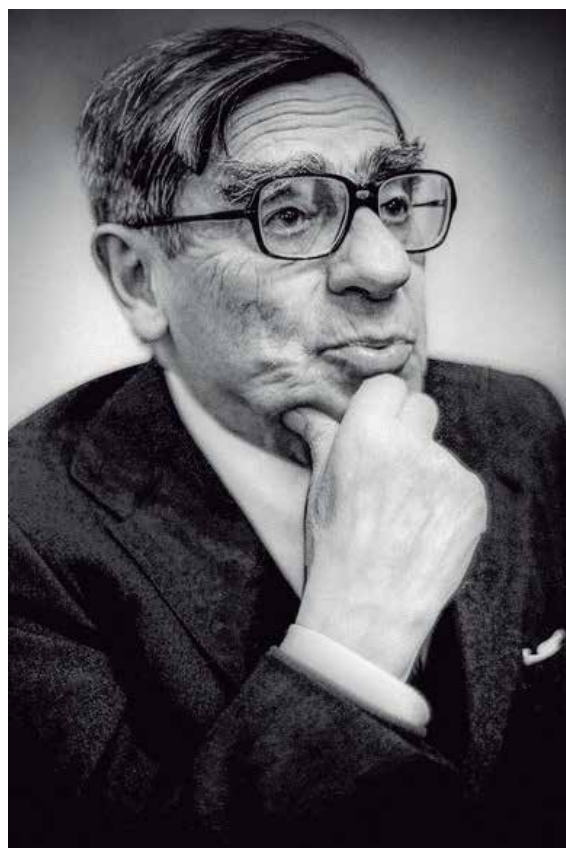
Parte do encanto de Nemésio está, justamente, na mencionada capacidade de desafiar a ver o extremamente simples através do aparentemente simples. Não é assim também com o Deus cristão? Com o Deus-Amor que, de tão visível que é, para quem vive com os olhos abertos da inquietação amorosa, parece ser invisível a quem só vive com os olhos ainda mais abertos da aquietação egoísta? A diferença entre tais pessoas é ténue; tão ténue como a morte que aos primeiros sossega e aos segundos aflige. Uma morte que aparece por todo o lado em Nemésio como, conforme ocorre nas nossas vidas, a grande desmaquilhadora, cheia de misericórdia para com as nossas «fraquezas»

Parte do encanto de Nemésio está, justamente, na mencionada capacidade de desafiar a ver o extremamente simples através do aparentemente simples.

e de ironia face às nossas «fortalezas», das penhas e peanhas dos nossos corações.

Não sou capaz de dizer como foi Nemésio enquanto professor. Contudo, se as suas já apontadas presenças televisivas puderem dar um vislumbre de tal sua atividade, ele terá sido um mestre da experiência – essa educadora do que uma vez vivido, nunca mais é esquecido. Tive a oportunidade de, há dois ou três anos, ouvir dizer que o mesmo foi um conservador, mas se o foi, foi-o tirando a verdade das latas de conserva em que tantos a querem colocar. Nos seus escritos a verdade é sempre fugidia – quase líquida –, por mais que apresentada de mãos dadas com aquela firmeza típica dos homens de carácter vincado. Não a firmeza que impede o debate de ideias, mas a que, consoante está mais patente nos seus poemas que nos fazem sentir a beleza da verdade, o vai estimular. E isto, por mais que Nemésio nos pareça mais firme das suas convicções do que das formulações por si usadas para as expressar.

Já o ser cristão era, para este açoriano, algo de tão natural que lhe saía espontaneamente por todos os poros das letras e sons por si emitidos. Não no sentido de ter sido um daqueles batizados que se contenta com trinta por um, mas um dos que exige, de si e apenas de si, cem por um. Também nisso ele destoava, e talvez ainda destoe, de muitos cristãos – nomeadamente de mim –, mas, por isso mesmo, contactar com ele é aproximar-se de quem, com a sua insuperável habilidade de conceder realidade às percepções, tocou a eternidade.



Aquela de que ele nunca duvidou que só era vivível no Catolicismo que o mesmo, entre o seu crescimento e a sua maturidade, conheceu e assumiu sem renunciar a nada no mesmo: do menos patusco, ao menos erudito. É assim relativamente estranho ter-se de reconhecer, deixando-se mover por algumas das personagens de Nemésio, que apenas um nado-cristão posto fora desta ou daquela porção da Igreja tenha a possibilidade de ter vocação à Grande Igreja. Aquela banhada no Sangue de Jesus que comunica o fogo do, tão açoriano, Espírito Santo; aquela que vive da oração que pode consolar, mas que sempre consegue desinstalar.

Costumo dizer aos meus alunos que morrer não é o pior que pode acontecer a quem está vivo. Eles repetidamente riem-se de mim nessas ocasiões, deixando transparecer, nos seus olhares, que, para eles, eu sou esse «pior» que pode acontecer a quem está vivo como eles. A bondade humana pode vir até nós de inumeráveis formas, e nunca saberei como agradecer tais alertas. Contudo, sei que recusar a negligência da recordação dos ecos de Nemésio em mim é o modo de lhe agradecer por aquilo que ele, como cristão e pessoa de cultura que queria em incessante criação, mais me ensinou. A saber: a natureza parasitária da ambição, da

publicidade e da cobiça que, sendo a origem das suas próprias derrocadas ante a gratuidade desarmada do amor, se volta sempre contra quem (se) alimenta (de) tais realidades. Ser homem e, mais ainda, cristão, é viver como cantor do oferecimento sem nunca esperar qualquer reconhecimento, fazendo, tal como fez Nemésio com as suas ilhas/palavras, de cada ilha, de cada uma das nossas ações, um continente de acolhimento para quem anda perdido, ainda mais do que nós, no meio dos seus (a)mares.

Mencionar o que acabámos de referir não é ser brumoso, tal como também não o era aquele que motiva estas nossas palavras, por mais que o mesmo, devido às pontes feitas entre as suas palavras/ilhas, (a)parecesse sê-lo no decurso das suas visitas escritas e televisivas – estourtas que eu conheci através de umas repetições que também não pude evitar com aquelas outras. Não! É, caminhando pela fina faixa de terra das fajãs do amor, recusar, com Nemésio, aquilo que os velhos catecismos denominavam de pecados contra a esperança: a presunção e o desespero. Quer dizer: é recusar, também com aquele a olhar para o Senhor da Cruz, os pecados contra o realismo: o otimismo e o pessimismo.